

## Conflitos religiosos no interior da Paraíba: O caso de Baixa Verde

Religious conflicts in the interior of Paraíba: The case of Baixa  
Verde

**Daniel da Silva Firino**

Mestrando em História  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB  
danielfirino@hotmail.com

**Carlos André Macêdo Cavalcanti**

Doutor em História  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE  
carlosandrecavalcanti@gmail.com

**Recebido em:** 19/02/2020

**Aceito em:** 04/05/2021

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar o ataque a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) que ocorreu no ano de 1940 no sítio Baixa Verde pertencente na época a vila de Queimadas na Paraíba. Tal assunto possui relevância acadêmica por ajudar a compreender a relação entre católico e protestantes no estado da Paraíba durante a primeira metade do século XX. O ataque ocorreu durante as Santas Missões que estava sendo organizados pelo padre Oscar Cavalcanti e o Frei Cipriano. Cerca de trezentas pessoas cercaram o templo e o apedrejaram, além disso espancaram o pastor Moyses S. Nigri.

**Palavras-chave:** Adventismo; Protestantismo; Intolerância

**Abstract:** This work aims to analyze the attack on the Seventh-day Adventist Church (IASD) that took place in 1940 in the Baixa Verde site that belonged at the time to the village of Queimadas in Paraíba. This subject has academic relevance for helping to understand the relationship between Catholic and Protestants in the state of Paraíba during the first half of the 20th century. The attack occurred during the Holy Missions being organized by Father Oscar Cavalcanti and Father Cipriano. About three hundred people surrounded the temple and stoned it, and they also beat Pastor Moyses S. Nigri.

**Keywords:** Adventism; Protestantism; Intolerance.

## Introdução

Este trabalho utilizará a relato do ataque à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) de Baixa Verde<sup>1</sup> (PB), descrito na biografia<sup>2</sup> de Moyses Salim Nigri<sup>3</sup> e na Revista Adventista<sup>4</sup>, para compreender os conflitos religiosos que ocorriam em uma parte da sociedade paraibana no final da primeira metade do século XX.

Nigri foi um pastor importante não só Brasil, mas também no cenário internacional da IASD. O relato foi abordado várias vezes, possivelmente, com o objetivo de criar uma memória coletiva. A memória coletiva “é um sistema organizado de lembranças cujos suportes são grupos sociais e temporalmente situados. [...] Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão” (MENESES, 1994, p. 15). Elas são moldadas, construídas e reconstruídas de acordo com o grupo que as invoca.

O relato sobre o ataque à IASD de Baixa Verde não é neutro. Ele foi moldado para retratar Nigri como um herói, representar negativamente os católicos e dar estabilidade ao grupo social. Contudo, traz informações importantes sobre a sociedade da época. O evento descrito ocorreu durante as Santas Missões marcadas pelo forte sentimento antiprotestante, disseminado por todo o Brasil na época, e que ganhou força a partir da década de 1920 com o movimento Restauração Católica. Esse movimento possuía tendências ultramontanas, que se desenvolveu, principalmente, com a proclamação da república e a decretação do Estado laico.

---

<sup>1</sup>Baixa Verde era uma região de plantação de algodão, habitada por algumas famílias adventistas que se reuniam na casa de um membro chamado Luiz Pereira. Ficava a 6 quilômetros da vila de Queimadas e a 18 quilômetros de Campina Grande (NIGRI, 2014, p. 61). Na década de 1930, Luiz Pereira comprou um prédio e o reformou para servir de templo da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

<sup>2</sup>NIGRI, M. S. **Sem fronteiras**: a envolvente história de um homem que marcou época. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. Biografia publicada quatro anos após a sua morte.

<sup>3</sup>Moisés Salim Nigri (1914-2010) era natural do Rio de Janeiro e filho de pai judeu e mãe católica, ele foi batizado aos 17 anos. No início da década de 1930, trabalhou como Office boy da Missão Rio-Minas. Em 1937, concluiu o curso teológico no antigo Colégio Adventista Brasileiro (atual Unasp – Universidade Adventista de São Paulo), onde conheceu a missionária lituana Maria Barr, com a qual foi casado por 57 anos e com quem teve quatro filhos. O pastor Nigri atuou como distrital na Paraíba e na Igreja Central Paulistana e serviu como diretor de departamentos de Associação em Recife, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em 1952, foi nomeado presidente da União Sul-Brasileira, que na época compreendia as regiões Centro-Oeste, Sul e o estado de São Paulo. Em 1962, assumiu a secretaria da Divisão Sul-Americana, até que oito anos depois foi eleito vice-presidente da Associação Geral, função que exerceu por dez anos, como o primeiro latino a ter esse cargo na sede mundial da Igreja. Mesmo aposentado, trabalhou por quatro anos como Secretário de Campo da sede sul-americana (FALECIMENTOS, 2010, p. 37).

<sup>4</sup> Não foram encontrados relatos desse ataque em jornais da época. Desta forma, as únicas fontes encontradas são denominacionais.

Até o fim do império, o Brasil possuía um acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana, o *regime de padroado*. Segundo Sousa Júnior,

[...] através desse sistema o Rei de Portugal (no século XVII) e o imperador do Brasil (no século XIX) tinham poderes sobre a Igreja. Assim, cabia ao Estado o recolhimento do dízimo, o pagamento das cômguas do clero e até o direito de permitir ou não que uma encíclica papal ou qualquer outro documento chegasse ao conhecimento dos fiéis. Na ausência de estruturas independentes, surge a necessidade de financiamento ora realizado pelo Estado, ora realizado por instituições privadas. O Estado fiscalizava os religiosos, vigiava o ingresso de noviços, concedendo licenças limitadas para o acesso dos candidatos ao noviciado (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 13).

Desta forma, o catolicismo romano era a religião oficial do império, o qual deveria usar os seus poderes para garantir a supremacia do catolicismo no país. Logo, as outras religiões eram toleradas e suas atividades eram restritas. Não poderiam realizar proselitismo, ou seja, não deveriam fazer esforço para converter alguém, suas igrejas não poderiam ser caracterizadas como templos religiosos e seus membros não poderiam se casar e nem ser enterrados em cemitérios públicos.

O regime de padroado teve seu fim com a proclamação de república em 1889 e com o Decreto nº 119-A, de 07 de janeiro de 1890, do Estado laico que foi reafirmado com a Constituição Federal de 1891. A partir de então, os cemitérios foram secularizados, o casamento civil foi instituído e todas as religiões estavam livres das amarras do Estado. De acordo com Gonçalves,

[...] embora as principais denominações protestantes missionárias já estivessem instaladas antes de 1889, a República foi recebida com entusiasmo pelos protestantes no Brasil, que visualizaram na criação do Estado Laico o anúncio de um novo tempo, que seria caracterizado pela expansão e crescimento das igrejas pelo país (GONÇALVES, 2010, p.161).

O protestantismo estava livre para se desenvolver, mas não era o único. Apesar de ter perdido o título e os benefícios de religião oficial, o catolicismo romano poderia atuar sem a autorização do Estado. Desta forma, poderia aproximar-se de Roma e, assim, agilizar o processo de *romanização*, que possuía ideais *ultramontanos*<sup>5</sup>. Com a romanização, a igreja começou a repensar e a modificar a sua estrutura interna e seu trato com os fiéis.

---

<sup>5</sup>Os adeptos e defensores dessas tendências romanizadoras (centralização em Roma) são conhecidos como ultramontanos. Para eles, o centro de toda a vida da Igreja está na pessoa do Papa, representante direto de Deus na terra. Chega-se a afirmar que só é autêntica a ortodoxia católica emanada de Roma. Portanto, não basta ser católico, é preciso ser católico romano e obedecer às leis da Igreja romana (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 26).

[...] assim, para fazer frente a essa situação política e garantir sua sobrevivência institucional, a Igreja procurou intensificar o processo de romanização da sociedade brasileira, usando, para tanto, estratégias no campo interno (congressos, abertura e reforma dos seminários, vinda de religiosos da Europa e unidade pastoral dos bispos), e no externo (comunicações públicas por meio das cartas pastorais e da imprensa, visitas pastorais, conferências e liturgias), que produziram sua reorganização no período que vai de 1889 a 1930 (CAVALCANTE NETO, 2014, p.8).

Segundo Dias (2008), houve um aumento considerável de Dioceses no Brasil, saindo de 17, em 1990, para 80 em 1930. O objetivo era se fazer mais presente na sociedade para evitar perder espaço para outras instituições religiosas. Na década de 1920, a *restauração católica* ganha força, e teve:

[...] como marco simbólico a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, celebrado de 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, cujo tema foi “A restauração cristã do Brasil pela vida eucarística, principalmente na família, na infância e na mocidade”[...] Enquanto expressão de afirmação social do catolicismo, orientada pela defesa da “ortodoxia” combinada a um nacionalismo de matriz religiosa, a restauração católica carregava em si a negação dos elementos “descristianizadores”, como eram consideradas as denominações protestantes existentes no Brasil (SIMÕES, 2008, p. 35-36).

Com a Restauração Católica, o antiprotestantismo ganhou mais força. Dentre os vários autores antiprotestantes, convém citar o padre Julio Maria de Lambaerde (1878–1944), devido à sua extensa publicação. Sua fama o levou a receber a alcunha de martelo do protestantismo. Alguns dos seus livros são: “*O perigo dos colégios protestantes* (1929), *Palhaçada protestante* (1929), *A mulher e a serpente* (1930), *Objecções e erros protestantes* (1932) e *Ataques protestantes às verdades católicas* (1934)” (GONÇALVES, 2010, p.158).

Segundo Simões (2008), os protestantes eram representados<sup>6</sup> através do medo e do escárnio. Além disso, combatê-lo era um dever cívico, pois consideravam que existia um *perigo protestante*, ou

---

“Mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que irão fazer reconhecer uma identidade social exibindo uma maneira própria de estar no mundo, significa, simbolicamente, em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade” (CHARTIER, 2002, p. 23). Para o mesmo autor, as representações são sempre determinadas pelo grupo social que os forjam, elas têm um objetivo. Nesse caso o objetivo era a classificação/ normalização da sociedade no qual toma- “arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (SILVA, 2008, p. 83). Desta forma, os escritos antiprotestantes normalizavam a sociedade atribuindo a identidade religiosa católica como a padrão e correta,

seja, eles estavam associados a uma suposta campanha imperialista norte-americana. Eram representados através do medo por serem associados ao *demônio* e ao *anticristo*. Lutero teria sido instigado pelo demônio para causar separação e destruir a *santa igreja*, instituída por Jesus. Assim, os protestantes eram ligados ao *diabo*, ao *demônio* e a *satanás* e aqueles que estivessem ao seu lado iriam para o inferno.

O recurso do escárnio era o mais comum nos escritos antiprotestantes, principalmente de Julia Maria. Eles eram ridicularizados e estigmatizados com o intuito de desclassificá-los e exaltar a Igreja Católica. As origens do protestantismo eram um dos principais alvos. Lutero era representado com *revoltoso*, *inimigo da igreja*, *bêbado*, *devasso*, *libertino*, *herege*, *bolchevista*, *pai das grandes heresias*, *bárbaro comunista*, etc. Lutero e seus auxiliares eram ridicularizados como uma forma de desqualificar a reforma. Desta forma, todos os protestantes carregavam os mesmos erros e atingir as origens era o mesmo que atingir os seus seguidores.

Segundo Simões (2008), os pastores protestantes eram referidos como *exploradores*, *caluniadores*, *lobos devoradores*, *homens sem fé e sem moral*, *tratantes*, *ignorantes*, *fanático*, etc. Enquanto isso, os sacerdotes católicos eram tidos como *homens de Deus*, que vivem para pastorear, *divinamente instituídos e autorizados*, *homens cultos*, *centrados*, etc. Desqualificar os pastores tinha o objetivo de desqualificar as suas obras e suas palavras.

As Bíblias protestantes também eram citadas nesses embates. De acordo com Vasconcelos (2005), as Bíblias eram consideradas como adulteradas. Isso ocorria porque elas não possuíam a mesma quantidade de livros que a Bíblia católica e possuía diferenças em alguns textos ocasionados pela tradução. A Bíblia católica era retratada como a correta e divinamente inspirada, enquanto que a protestante, cheia de erros e demoníaca. Desta forma, em alguns casos, as Bíblias protestantes eram recolhidas e depois queimadas em locais públicos.

O perigo protestante foi uma das principais formas de combate ao protestantismo. Utilizava-se a alusão histórica como forma de reafirmação da identidade, onde “intentava-se, assim, mesclar a história do país com a história da própria Igreja [Católica], como se ambos os elementos tivessem formado ao longo do tempo um só corpo que então se achava ameaçado pelo ‘espírito divisionista’

---

obtendo as melhores representações, enquanto os protestantes eram representados como o mal a ser combatido por serem retratados como tudo de mal da sociedade.

característico da história protestante” (GONÇALVES, 2010, p.167). Desta forma, se os protestantes enfraquecessem o catolicismo romano, eles também estariam enfraquecendo o país e o deixando fragilizado para ameaças estrangeiras, como a Norte-Americana.

Como muitos missionários protestantes eram norte-americanos, o protestantismo passou a ser associado a uma campanha imperialista norte-americana. Segundo Gonçalves (2010, p.163), essa associação ganhou força e permaneceu durante as primeiras décadas do século XX, “haja vista o crescimento das investidas políticas e militares dos Estados Unidos e a progressiva perda de influência político-econômica da Inglaterra no continente americano”.

Ademais, houve o ressurgimento do pan-americanismo, que foi uma “reedição da Doutrina Monroe (1823) que teve como *slogan* a frase *América para os americanos* e que significou, na segunda década do século XIX, a convergência de interesses comerciais e políticos entre os países do continente e os Estados Unidos” (SANTOS, 2006, p. 156-58). Para alguns intelectuais e setores católicos, o protestantismo era um sinônimo de americanismo/imperialismo.

Outro fator que era utilizado para uma suposta ligação entre protestantismo e imperialismo norte-americano era a ideia de que a fé protestante era avessa aos valores culturais brasileiros, conforme Piedra (2002). Assim os protestantes estavam destruindo os valores e os bons costumes do país e introduzindo os valores e os costumes norte-americanos.

Em meio ao processo de romanização, a Diocese da Paraíba<sup>7</sup> foi criada em 27 de abril de 1892, mas apenas em 1894 que Dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques<sup>8</sup> assumiu a Diocese da

---

<sup>7</sup>A Diocese da Paraíba foi criada por meio da Bula Ad universas orbis ecclesias, que também criou as de Amazonas, Niterói e Curitiba. Ela possuía a área de 74.731 km<sup>2</sup> no estado da Paraíba e 57.485 km<sup>2</sup> no estado do Rio Grande do Norte e contava com uma população geral de 725.505 mil habitantes, distribuída em 77 paróquias, segundo Figueiredo (1906). A bula que a criou também tratava de outros assuntos, como as questões consideradas fundamentais para o funcionamento das novas Dioceses: sua subordinação à Santa Sé, sua autonomia na busca de fundos para suas criações e manutenções, a criação e a administração de seminários, assim como sobre admissão dos alunos nesses centros” (FERREIRA, 1994, p. 62).

<sup>8</sup>Dom Aduino (1855-1935) nasceu em Areia-PB, em 30 de agosto de 1855. Era filho do Coronel Idelfonsiano de Miranda Henriques e Laurinda Esmeralda de Sá de Miranda Henriques, proprietários do Engenho Buraco. Segundo Lima, “(...) foi filho, neto e bisneto de senhores de engenho”, o que deixou marcas profundas em sua personalidade. Depois de ser alfabetizado por sua mãe, estudou até os dezenove anos em sua cidade natal, quando partiu para a Europa, onde fez o Curso de Humanidades no Seminário de S. Sulpício em Paris (1875-1876), o curso Superior em Teologia e o Doutorado em Direito Canônico no Colégio Pio Latino-americano, em Roma (1877-1882). Ordenou-se padre em 1880 e voltou para o Brasil em 1882. Foi nomeado professor no Seminário de Olinda, onde permaneceu até 1894, quando assumiu o bispado da Paraíba. (FERREIRA, 1994, p. 65-64)

Paraíba. Em 1914, a foi elevada a Arquidiocese<sup>9</sup> e, Dom Adauto tornou-se arcebispo. De acordo com Dias (2008, p. 102), “as medidas reformadoras na Paraíba eram pautadas pelos documentos episcopais do Brasil e pelas orientações do concílio Plenário Latino Americano de 1899, que visava, em última instância, à implementação da romanização nas Dioceses da América Latina”.

Dom Adauto, visando expandir a influência da igreja e seguindo as orientações romanizadoras, criou o Seminário Episcopal Nossa Senhora da Conceição e vários colégios destinados à “educação dos jovens paraibanos e potiguares, já na última década do século XIX e na primeira do XX” (CAVALCANTE NETO, 2014, p.10). Também criou o jornal *A Imprensa*, que era um local privilegiado para informar aos católicos quais *males* precisavam ser combatidos. Dentre eles, estavam o materialismo, a maçonaria, o espiritismo e o protestantismo.

Para Ferreira (1994, p. 211), os espíritas e os protestantes não representavam, na Diocese da Paraíba, riscos para o catolicismo. Os pequenos grupos existentes eram marginalizados e até sofriam agressões verbais e corporais. Mesmo possuindo poucos adeptos,

[...] o protestantismo e o espiritismo também foram entendidos como males a serem condenados pela Igreja Católica paraibana durante as primeiras décadas do Século XX. O jornal *A Imprensa* noticiou que o Padre Júlio Maria chegou à capital da Paraíba em 30 de março de 1903, onde passou a realizar uma série de conferências na catedral, entre 02 e 26 de abril.[...] Na sua quinta palestra, intitulada “A Igreja e o preconceito racionalista, teológico e moral”, realizada em 16 de abril, ele “(...) refutou magistralmente os erros contra a autoridade da Igreja: o protestantismo e o racionalismo, sustentando contra o primeiro a necessidade e a realidade do magistério, e contra o segundo, a harmonia da fé com a razão” (CAVALCANTE NETO, 2014, p. 15).

Outra forma de se manter mais presente na sociedade e combater o protestantismo foi a utilização das Santas Missões<sup>10</sup>. Na Paraíba, as Santas Missões eram realizadas principalmente pelos freis capuchinhos, entre eles estavam o frei Damião e o frei Cipriano. Segundo Sylvestre (2014), elas

---

<sup>9</sup> No dia 6 de fevereiro, o papa São Pio X, Pela Bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum* cria a Diocese de Cajazeiras – PB e eleva a então Diocese da Paraíba à dignidade de Arquidiocese, tendo por sufragâneas a Diocese de Natal e a recém criada Diocese de Cajazeiras (PAGOTTO et al., 2014)

<sup>10</sup>Conforme Souza (2011), não se sabe ao certo quando se iniciaram as Santas Missões, contudo está presente na comunidade cristã desde os tempos mais remotos. Uma das principais características das delas era a pregação no momento de instrução que não se apegava demais as obrigações litúrgicas e possuíam linguagem de fácil acesso. Elas não faziam parte da estrutura política e eclesiástica, o que lhe dava liberdade para agir e adaptar-se de acordo com a necessidade de cada localidade. Mesmo com as variações regionais, ela “possuía três frentes distintas: a instrução religiosa que serve de instrumento preventivo contra as heresias, o combate aos prazeres da carne e aos vícios e finalmente a dimensão conciliatória que evita os conflitos, concilia os desafetos como condição indispensável para a aproximação dos sacramentos” (SOUZA, 2011, p. 32).

perseguiram ferozmente os protestantes e, por onde passavam, deixavam marcas da intolerância. Muitos protestantes tiveram que fugir das suas cidades devido ao forte sentimento antiprotestante. Católicos eram instruídos a não comprarem, venderem ou alugarem qualquer coisa aos protestantes. Templos protestantes foram destruídos, pessoas foram espaçadas e assassinadas. E foram sobre essas circunstâncias que aconteceu o ataque à Igreja Adventista de Baixa Verde.

### O Adventismo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) teve suas origens na primeira metade do século XIX nos Estados Unidos, com algo que ficou conhecido como movimento *milerita*<sup>11</sup>. Esse movimento surgiu no contexto de movimentos messiânicos<sup>12</sup>, que tinham como característica básica o inconformismo com as instituições religiosas já estabelecidas, como as Igrejas Presbiterianas, Batistas, Metodistas, Católicas, etc. Segundo Oliveira Filho, esses movimentos

a) reivindicavam certa primazia de *iluminação* interior e do Espírito Santo, predominando não apenas sobre a Tradição, mas também sobre as próprias Escrituras; b) pregavam que a Revelação não poderia estar terminada e que, portanto, uma nova era, a era do Espírito, reclamava novos profetas e os forneceria; c) propunham, finalmente, realizar a Igreja como um mundo dentro do mundo, e sua recusa de relações com os poderes estabelecidos tinha por corolária obrigação, para a sua Igreja, de se transformar mais ou menos numa autarquia econômico-política (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 157-158).

O movimento milerita tinha como seu principal propagador Guilherme Miller<sup>13</sup>, um fazendeiro, que após ter sobrevivido à guerra de 1812, entre os Estados Unidos da América e a

---

<sup>11</sup>O movimento milerita surgiu através dos estudos de Guilherme Miller (William Miller, em inglês). Nas principais obras em português que trabalham esse movimento, o seu nome é escrito apenas com um único “L” ao invés de dois, mesmo ele sendo derivado do sobrenome Miller. Por isso, nesse trabalho será utilizada essa grafia. A principal obra em português que trabalha sobre esse movimento chama-se *Adventismo: Origem e impacto do movimento Milerita* (2015) de George Knight. Já em inglês as principais obras são: *Days of Delusion* (1924) de Clara Endicott Sears, *The Midnight Cry* (1944) de Francis D. Nichol, *Midnight and Morning* (1983) de Clyde E. Hewitt e *The Miller Heresy, Millennialism, and American Culture* (1987) de Ruth Alden Doan.

<sup>12</sup>Segundo Monteiro (2010), os movimentos messiânicos possuem suas crenças fundamentadas na chegada de um redentor que restaurará a paz e a harmonia. Para Eliade (1989), os movimentos messiânicos surgiram e ganharam força em meio crises e ameaças externas. Os movimentos buscam uma Era de Ouro, onde poderão encontrar paz e tranquilidade. Eles também trazem consigo uma visão escatológica (apocalíptica), onde o mundo natural é destruído ou renovado e apenas os eleitos serão salvos. O movimento milerita encaixa-se nesses conceitos, pois pregava o fim do mundo com o retorno de Jesus, que purificaria a Terra e traria paz para aqueles que crescem no redentor prestes a vir.

<sup>13</sup>Guilherme Miller (1782-1849), William Miller em inglês, foi um fazendeiro nascido em Pittsfield, Massachusetts, Estados Unidos da América. Era de família batista, mas abandonou a religião de seus pais após mudar-se para Poultney, Vermont, e ter acesso a livros de autores deístas. Miller era influente e exerceu vários cargos importantes na sua cidade chegando a ser Juiz Paz. Durante a guerra de 1812, entre Estados Unidos e Inglaterra, ele começou a questionar o deísmo, contudo só voltou ao cristianismo em 1816. Segundo Knight (2015), Miller retornou o estudo da Bíblia para



Inglaterra, começou a duvidar do deísmo, por achar que só um milagre poderia ter feito-o sair do campo de batalha com vida. Em 1816, voltou a ser cristão, como na sua infância, e a estudar a Bíblia.

Após algum tempo de estudo, ele se deparou com as profecias relacionadas ao tempo, como a do livro de Daniel capítulo 8:14<sup>14</sup> que se referia à purificação do santuário após duas mil e trezentas tardes e manhãs. Para Miller, a purificação do santuário seria a purificação do planeta Terra por intermédio da segunda vinda de Jesus e as tardes e manhãs seriam na verdade dois mil e trezentos anos que teriam fim por volta de 1843 e 1844 (MINISTÉRIO JOVEM, 2004, p. 24).

Ele passou cerca de quinze anos para divulgar seus estudos e só iniciou após receber um convite para pregar em uma igreja próxima à sua residência. Depois disso, Miller recebeu vários convites para pregar e espalhar seus estudos sobre o breve retorno de Jesus.

Desde então, Guilherme Miller continuou a pregar, primeiro em áreas rurais perto de sua casa, depois em cidades maiores e grandes cidades, até que mais de 100.000 pessoas aceitaram a mensagem de um Salvador que logo viria. Suas primeiras mensagens incluíram os sinais da segunda vinda, especialmente o que já havia se cumprido em 1780 – O Dia Escuro de 19 de Maio. Logo, outro sinal miraculoso foi acrescentado: a queda das estrelas de 13 de novembro de 1833. Quando Josué V. Himes<sup>15</sup> se juntou a ele, Boston abriu as portas para o seu ministério. Mais tarde, em 1840, ele entrou na cidade de Nova Iorque. Miller estudou a profecia das 2.300

---

responder alguns questionamentos dos seus amigos deísta e concluiu que Jesus voltaria entre 1843 e 1844. Ele começou a divulgar seus estudos a partir de 1831, após um convite para pregar na igreja Batista de Dresden próximo à sua residência. Depois disso, passou um tempo pregando apenas em igrejas de cidades pequenas, porém Josué Vaughan Himes (1805-1895), pastor da Igreja Conexão Cristã de Boston, o ajudou a pregar nas igrejas das grandes cidades. Miller relutou em marcar uma data específica para o Advento (segunda vinda) de Jesus, mas, após muita pressão, ele disse que Jesus voltaria entre 21 março de 1843 e 21 de março de 1844. Quando o período estipulado passou, algumas pessoas do movimento marcaram 22 de outubro, dia da festa judaica da expiação. Nesse dia, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo do santuário celestial para limpá-lo. Inicialmente, Miller não aceitou a data de início, contudo próximo à data marcada, ele aceitou. A data novamente passou e nada aconteceu, Miller foi contra marcar uma nova data e de organizar uma nova igreja. Para ele, os mileritas deveriam continuar em suas congregações, mas acreditando no breve retorno de Jesus sendo que ele mesmo se considerou batista até o final da sua vida.

<sup>14</sup>Daniel 8:14: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. O texto traz uma parte da conversa entre dois santos. Miller acreditava que a purificação do santuário seria a purificação da Terra com fogo mediante a segunda vinda de Jesus e que as 2300 tardes e manhãs seriam na verdade 2300 anos e iniciariam em 457, a data da saída da ordem para restaurar Jerusalém. De acordo com LeRoy Froom (1954), além de Miller, cerca de sessenta e cinco pessoas de vários continentes entre de 1800 e 1844 chegaram à conclusão que o fim dessa profecia seria 9em algum momento entre 1843 e 1847. Porém, Miller diferia da maioria deles, pois associava o seu fim com a segunda vinda de Jesus.

<sup>15</sup>Josué Vaughan Himes (1805-1895) era um pastor da Igreja Conexão Cristã de Boston, que era ligado ao movimento abolicionista e a vários movimentos de reforma da sua época. Em 1839, Himes encontrou-se com Miller e o convidou a pregar em sua igreja e, após disso, juntou-se ao movimento milerita e tornou-se a segunda pessoa mais importante do movimento. Segundo Knight (2015), Himes foi fundamental na divulgação do movimento, criando vários periódicos e estratégias de disseminação dos impressos do milerismo. Após 22 de outubro de 1844, ele se tornou o principal líder dos adventistas desapontados.

tardes e manhãs de Daniel 8 e 9:35, e convenceu-se de que a purificação do santuário seria a purificação da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo. Apesar de falar mais sobre a segunda vinda, só no avançar do ano de 1844 foi que ele aceitou uma data definitiva. Entretanto, em janeiro de 1843, ele falou que Cristo deveria voltar entre março de 1843 e março de 1844 (MINISTÉRIO JOVEM, 2004, p. 24).

O movimento cresceu e juntou pessoas de diversas denominações religiosas, ocasionando um reavivamento espiritual. Com o passar de março de 1844, algumas pessoas marcaram o retorno de Jesus para 22 de outubro de 1844. A princípio, Miller não concordou em marcar uma data precisa, mas com o aproximar do dia, ele a aceitou.

Finalmente chegou o dia 22 de outubro de 1844, os mileritas estavam reunidos em suas casas ou na casa dos líderes do movimento. Durante todo o dia, eles “cantavam hinos e revisavam as evidências de que o Senhor voltaria. O dia passou e o sol se pôs. Ainda havia esperança: ‘Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã.’ Marcos 13:35” (MINISTÉRIO JOVEM, 2004, p. 38). Passou a meia noite, mas nada aconteceu. Muitos abandonaram o movimento e, do grupo que restou, surgiu uma vertente que foi liderada por José Bates<sup>16</sup>, Tiago White<sup>17</sup> e Ellen Harmon<sup>18</sup>.

Esse grupo acreditava que a data estava correta, mas o evento estava incorreto. Jesus não deveria voltar em 22 de outubro de 1844, mas passar do lugar santo para *santíssimo* no santuário

---

<sup>16</sup>José Bates (1792-1872) foi o único dos fundadores da IASD, que chegou a ter alguma proeminência no movimento milerita. Ele era marinheiro, chegou a ser capitão e obteve o próprio navio. Bates fazia parte da Igreja Conexão Cristã e uniu-se ao milerismo em 1839, após assistir uma palestra milerita e visitar Josué V. Himes para conhecer um pouco mais de Guilherme Miller. “Bates foi uma das 16 pessoas que fizeram a convocação para a primeira assembleia geral milerita, e, assim como Himes, [...] trabalhou na ‘comissão de preparo’ do evento. Ele também atuou como um dos diretores auxiliares da segunda assembleia geral” (KNIGHT, 2015, p.278). Ele se tornou o primeiro escritor e teólogo dos adventistas do sétimo dia.

<sup>17</sup>Tiago White (1821-1881) tinha 15 anos quando se uniu à Igreja Conexão Cristã e começou a participar do movimento milerita em 1842, após ouvir um sermão de Miller. Segundo Collins (2007), em algum momento entre 1844 e 1845, Tiago conheceu Ellen Harmon e começou a acompanhá-la, mais algumas pessoas de confiança da família Harmond, em algumas viagens de divulgação das suas visões. Em 1846, os dois se casaram e Ellen passou a usar o sobrenome White. Tiago exerceu várias funções dentro da Igreja Adventista, desde editor de vários periódicos a presidente da *Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*, órgão máximo da igreja.

<sup>18</sup>Ellen Gould Harmon (1827-1915) era de família Metodista Episcopal, que se uniu ao movimento milerita em 1840, quando ouviram Miller pregar em Portland, Maine. Com a aproximação de 1844, a família Harmon foi eliminada do rol de membros da igreja devido às suas crenças mileritas. No final de 1844, Ellen começou a receber visões e falou sobre elas a um grupo que se reunia nas suas casas. Após isso, ela passou a viajar para divulgar as suas visões. Em algum momento entre 1844 e 1845, ela conheceu Tiago e os dois casaram-se em 1846. Ela foi considerada pelos adventistas como uma profetisa moderna e suas visões deveriam ser escritas e serviriam como conselhos. Após a morte de Tiago, em 1881, ela morou na Europa e na Austrália com intuito de ajudar no desenvolvimento da IASD nessas localidades.

celestial. Desta forma, iniciaria o que para eles ficou denominado como *Juízo investigativo* e esse grupo futuramente tornar-se-ia a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No final de 1844, Ellen Harmond começou a ter o que alguns consideraram como visões vinda dos céus<sup>19</sup>. Ela e algumas pessoas de confiança da família passaram a divulgar as visões. Em 1845, Tiago já estava viajando com ela e, em 1846, os dois casaram-se, fazendo com que Ellen receba-se o sobrenome White. Nesse mesmo ano, Bates uni-se aos dois e os convenceu sobre a guarda do sábado como dia sagrado<sup>20</sup>.

Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo e adquirindo casas publicadoras, templos, sanatórios e outros bens. Então surgiu a necessidade de possuir um nome e se organizar. Segundo Ellen White,

[...] aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para prover a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os ministros, para a conservação das propriedades da igreja, para publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins (WHITE, 2005, p. 22).

Mesmo com a necessidade de se organizar, havia resistência dentro da própria igreja. Conforme Ellen White,

[...] havia, no entanto, entre nosso povo, um forte sentimento contrário à organização. Os adventistas do primeiro dia (domingo) opunham-se à organização, e a maior parte dos adventistas do sétimo dia (sábado), entretinha as mesmas ideias. Buscamos o Senhor em oração fervorosa para que pudéssemos compreender Sua vontade; e Seu Espírito nos iluminou, mostrando-nos que deveria haver ordem e perfeita disciplina na igreja, e que era essencial a organização. Método e ordem manifestaram-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo. A ordem é a lei do Céu e deveria ser a lei do povo de Deus sobre a Terra. Tivemos uma árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho a tal respeito, a oposição era forte, e teve de ser enfrentada repetidas vezes. Sabíamos, porém, que o Senhor Deus de Israel nos estava dirigindo e guiando pela Sua providência. Empenhamo-nos na obra da organização, e uma evidente prosperidade acompanhou esse movimento progressista (WHITE, 2005, p. 22).

---

<sup>19</sup>Segundo os conceitos de Mircea Eliade (1992), o grupo seria guiado por um tipo de hierofania. O sagrado manifestava-se através das visões de Ellen White.

<sup>20</sup>Segundo Mircea Eliade (1992), o tempo para o homem religioso não é homogêneo. Para os guardadores do sábado, este dia é considerado santo, separado por Deus para atividades filantrópicas e voltadas ao divino como cultos, visitas missionárias a hospitais, a presídios, etc.

Essa resistência na organização é um resquício do movimento milerita. segundo Knight (2015), os mileritas acreditavam que nenhuma igreja poderia organizar-se sem se tornar babilônia. A babilônia era símbolo de confusão espiritual e apostasia, desta forma, para muitos adventistas, a organização faria com que esse crescente grupo abandonasse a sua fé e se tornar-se pagã. Contudo, a não organização poderia causar o fim do movimento.

Desta forma, na década de 1860, o grupo passou a ser chamado de Igreja Adventista<sup>21</sup> do Sétimo Dia<sup>22</sup> e conseguiu organizar-se. Na década de 1870, começaram a enviar missionários para outros continentes<sup>23</sup>. Conforme Borges (2005), dentre os missionários enviados, dois deles encontraram em um navio europeu um jovem chamado Borchardt, que estava fugindo do Brasil por pensar que havia matado um homem durante uma briga.

Os missionários perguntaram para o jovem se ele conhecia alguém no Brasil que se interessaria por literatura cristã e ele passou o endereço do seu padrao, Carlos Dreefke, na vila de imigrantes alemães de Brusque em Santa Catarina. Deste momento em diante, as ideias adventistas começaram a se espalhar no Brasil<sup>24</sup>. O primeiro batismo em terras brasileiras só aconteceu em 1895, sendo Guilherme Stein Junior<sup>25</sup> o primeiro brasileiro batizado. Este exerceu forte liderança no início da expansão do adventismo no Brasil, pois falava português e alemão e compreendia um pouco de inglês de acordo com Carvalho (2014).

---

<sup>21</sup>Adventista por pregar a segunda vinda (advento) de Jesus.

<sup>22</sup>Sétimo dia por separar o sábado para trabalhos missionários e filantrópicos.

<sup>23</sup>Para mais informações sobre a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia a nível mundial, são sugeridas as seguintes obras: *História do Adventismo* (1982) de C. Mervyn Maxwell, *Uma Igreja Remanescente* (2005) de Ellen White, *O Grande Movimento Adventista* (2014) de J. N. Loughborough e *Uma Igreja Mundial* (2000) de George Knight.

<sup>24</sup>Para mais informações são sugeridas as seguintes obras: *A chegada do Adventismo ao Brasil* (2000) de Michelson Borges e *Terra de Esperança: O Crescimento da Igreja Adventista na América do Sul* (2011) de Floyd Greenleaf.

<sup>25</sup>Guilherme Stein Júnior (1871-1957) foi professor, redator, escritor, erudito e primeiro adventista batizado no Brasil. Nasceu no dia 13 de novembro de 1871, em Campinas, SP. Filho de imigrantes suíços e alemães luteranos. Casou-se com Maria Khähenbühl, em 1892, nascida no dia 13 de dezembro de 1879 em Piracicaba, filha também de imigrantes suíços e alemães luteranos, e da união conjugal nasceram três filhos: Guilherme, Waldemar e Alice Irene. Foi batizado em abril de 1895, pelo Pr. Francis F. Westphal no Rio Piracicaba. No ano seguinte ao seu batismo, ingressou no trabalho adventista, primeiramente como colportor. No ano de 1896, juntamente com sua esposa, foram para Curitiba, onde trabalharam como professores no Colégio Internacional, considerado o primeiro Educandário Adventista no Brasil. Dois anos mais tarde, foram para Brusque, SC, a fim de estabelecer a primeira escola paroquial adventista do Brasil. Foi transferido para Santos em 1899, como evangelista e obreiro bíblico. Em 1900, mudou-se para o Rio de Janeiro, e iniciou ali a publicação da primeira Revista Adventista missionária no Brasil: O Arauto da Verdade, da qual foi seu primeiro redator, mantendo as funções de obreiro bíblico e colportor. Do Rio de Janeiro, foi para a Casa Publicadora Brasileira (CAB), onde atuou como redator, tradutor e editor, até sua aposentadoria, em 1918. Era um estudioso das línguas. Conhecia cerca de 40 línguas, dentre as quais: sumério, egípcio e numerosas línguas indígenas da América. Foi professor de línguas no Colégio Piracicabano e ali também exerceu a função de conselheiro pastoral. Faleceu no dia 5 de outubro de 1957, sendo sepultado em Indaiatuba, SP (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020a).

## O início do adventismo na Paraíba

Apenas em setembro de 1911, tem-se o registro de adventistas residindo na Paraíba. John Lipke<sup>26</sup> divulgou a chegada do adventismo com estas palavras:

De um modo interessante<sup>27</sup> a verdade deu entrada no estado da Parahyba. Um dos nossos irmãos, que na cidade de Recife, Pernambuco não podia achar um emprego onde pudesse guardar o sábado, achou finalmente um emprego por um conhecido dele, um chefe da Estrada de Ferro no estado da Parahyba. Durante 3 meses, este irmão era o único que guardava o sábado no estado da Parahyba. Depois dele, o patrão deste irmão começou também a guardar o sábado e agora ha ali 15 pessoas que guardam o sábado no estado da Parahyba. Três delas estão batizadas como adventistas do sétimo dia. Conforme o seu desejo, eu os visitei em Pirpirituba, Parahyba. Eu fui o primeiro pregador protestante que veio a este lugar (LIPKE, 1911, p. 12).

A divulgação do adventismo no estado foi ocasional devido à necessidade de emprego de um de seus membros. Em alguns meses, tal membro conseguiu 15 adeptos para a instituição, iniciando em Pirpirituba, PB (distante 104 Km da capital João Pessoa), o primeiro grupo de adventistas do estado. Das 15 pessoas que estavam nesse grupo, apenas 3 eram batizadas. Segundo Lipke (1911, p. 12), o restante precisava de mais tempo para se preparar para o batismo, pois “quando se batiza pessoas muito depressa sem estarem bem preparadas e conhecerem bem a verdade, prejudica a causa”.

---

<sup>26</sup>Pioneiro da obra educacional e obra médica. Nasceu no dia 27 de julho de 1875, em Berlim, Alemanha. Frequentou o Seminário Teológico em Hamburgo, entrando em seguida na obra da colportagem, tendo como chefe o pastor Frederico Spies. Em 1896, partiu para os Estados Unidos, onde se dedicou ao mesmo trabalho. Em 1897, continuou seus estudos no Colégio de Battle Creek, em Michigan, onde se casou com Augusta Schuete. Criou dois filhos adotivos: Daniel e Berta. Em 1897, terminados seus estudos, recebeu um chamado para o Brasil, onde exerceu a profissão de professor no Rio Grande do Sul, na escola primária localizada em sua casa. Depois de um ano, foi chamado para Gaspar Alto, SC, onde fundou o primeiro colégio missionário. No ano seguinte, foi ordenado ao ministério e eleito diretor do campo. Em 1904, mudou-se para São Paulo, a fim de dirigir um instituto de colportagem. Em 1910, foi enviado à Bahia, onde trabalhou três anos. Retornou em 1915 para São Paulo, onde assumiu a presidência da Missão Paulista, em 1915. Neste período, atuou como primeiro diretor do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Unasp-SP, apoiado por John Boehm, fundador e primeiro administrador. No colégio, construiu o primeiro prédio da escola, o antigo dormitório dos rapazes e o prédio escolar, com a cozinha e o refeitório no subsolo. Empenhou-se também na fundação da Casa Publicadora Brasileira (CPB). Em 1918, recebeu um convite para a presidência da Missão Rio-Grandense e, em 1920, retornou aos Estados Unidos, prosseguindo seus estudos em Medicina, em Loma Linda, Califórnia, formando-se em 1925. No ano seguinte, 1926, voltou ao Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de médico até contrair o mal de Parkinson. Em 1935, mudou-se para São Paulo. Faleceu no dia 18 de junho de 1943, aos 69 anos de idade, em São Paulo, SP, vítima do mal de Parkinson (RITTE, 1943, p. 25).

<sup>27</sup>A expressão “de um modo interessante” pode ser explicada pelo fato de que os adventistas utilizam algumas estratégias para se instalar em um novo território como, por exemplo, a colportagem e a instalação de escolas primárias, porém na Paraíba nenhuma delas foi utilizada.

A conquista na Paraíba teve repercussão internacional, sendo notícia em outros periódicos da igreja. Em um deles, F. W. Spies<sup>28</sup> escreveu:

Em uma carta recente do Élder John Lipke, superintendente da Missão do leste do Brasil, ele diz: 'Há agora três membros na Parahyba, e outros guardam o sábado lá, e desejam ser batizados. Isso significa que a verdade do sábado ganhou um novo estado, e que a mensagem está avançando mais ao norte em direção à região amazônica. Mas a Parahyba faz parte da Missão Norte do Brasil. O Élder Lipke tem tanto a fazer quanto dois homens podem, mas como não há ministro em toda a Missão do Norte do Brasil, um campo composto de muitos estados e mais da metade do território brasileiro, e como não pude ir a Parahyba, chamei o Élder Lipke para visitar as almas interessadas. E de qualquer modo, estamos muitas vezes perplexos, sem saber o que fazer? E é de admirar que, às vezes, anos passem e almas que começaram a obedecer à mensagem esperem, rezem e imaginem se chegará um dia que um ministro vai ir ajudá-los? (SPIES, 1911, p. 24).

O relato de Spies mostra a dificuldade por existirem poucos ministros (pastores) para trabalhar no território brasileiro e o objetivo de crescer cada vez mais para o norte, já que a expansão da igreja foi do Sul para o Norte do país. O relato também servia para atrair interessados norte-americanos para o Brasil, já que a mão de obra missionária estava em falta.

### Uma tragédia anunciada

Era quarta-feira, dia 21 de fevereiro de 1940, quando Jerônimo G. Garcia<sup>29</sup> telegrafou para Moises Nigri<sup>30</sup> para ir a Campina Grande, Paraíba, com intuito de fazer uma visita pastoral aos interessados que moravam no sítio de Baixa Verde e dar início a uma escola primária. Eles se

---

<sup>28</sup>Frederico Weber Spies (1866-1935) foi um missionário, pastor e administrador. Nasceu no dia 29 de junho de 1866, na Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Converteu-se ao adventismo aos 22 anos de idade. Casou-se com Isadora Read em 1892, e da união conjugal nasceu uma filha: Mabel. Logo depois de sua conversão, dedicou-se à colportagem, e, quatro anos mais tarde, foi chamado à Alemanha como diretor de colportagem. Em 1896, foi convidado pela Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia a trabalhar como missionário no Brasil. Antes de sua partida, foi consagrado para a obra do ministério. O trabalho dos adventistas do sétimo dia era então pouco conhecido no Brasil, e o pastor Spies e sua esposa foram pioneiros entre os que aqui vieram disseminar a mensagem adventista. Dedicou-se inicialmente ao ministério e trabalho bíblico nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e em 1900 foi chamado para Santa Catarina, onde fixou residência, trabalhando não somente neste Estado, mas também no Paraná e no Rio Grande do Sul. Em 1903, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, onde foi convidado a dirigir a obra dos adventistas a nível nacional. O trabalho desenvolveu-se de tal maneira que, em 1917 tornou-se necessária a divisão do território brasileiro em duas Uniões: União Sul-Brasileira e União Este-Brasileira. O pastor Spies presidiu ambas as Uniões. O casal Spies foi transferido em 1923 para a União Este, com sede no Rio de Janeiro. Em 1927, fixou residência em São Bernardo, onde gerenciou a Casa Publicadora Brasileira até 1932. Embora sendo aposentado em princípios de 1933, manteve-se ativo, dedicando-se mais a escrever artigos com mensagens de conforto e animação, e a cuidar da igreja alemã em São Paulo, onde esteve presente até o último sábado de sua vida. Numa segunda-feira pela manhã, enquanto lia sentado à mesa, teve uma síncope cardíaca, caindo da cadeira e ficando paralisado. Faleceu no dia 31 de julho de 1935, aos 69 anos de idade, em Santo André, SP. (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2018).

<sup>29</sup> Garcia era responsável pelas Igrejas Adventistas de todo o Nordeste.

<sup>30</sup> Nigri era pastor responsável por todas as igrejas do estado da Paraíba, mas morava em João Pessoa.

encontraram na sexta, dia 23 de fevereiro, na estação de trem. Garcia estava acompanhado por professor Joel Florêncio e Nigri por Jacó Kroeker que os levou à sua casa. Segundo Garcia, “a primeira conversa que ouvi foi a respeito de uma projetada agressão que elementos católicos de Queimadas haviam prometido fazer no sábado à nossa congregação em Baixa Verde” (1940, p. 10).

Enquanto conversavam chegou Luiz Pereira que contou da agressão que o interessado José Campos sofreu na vila de Fagundes pelo padre Oscar<sup>31</sup> e de outros católicos enquanto lia a Bíblia na casa de um particular a pedido do próprio morador. Luiz falou que o “padre Oscar prometera, àquele interessado, ir no próximo sábado a Baixa Verde, à hora do culto para, a-cacete, acabar com a casa e a congregação” (NIGRI, 1940, p. 10).

Após tomar ciência do fato, foram falar com o delegado, tenente Cezariano, para pedir proteção e este lhe entregou um cartão que deveria ser entregue ao subtenente sargento Luiz de Queimadas. O cartão informava-o das ameaças e da garantia constitucional da liberdade de culto e solicitava as medidas necessárias para salvaguardá-la.

O grupo que agora era composto pelos seminaristas e colportores<sup>32</sup> Francisco e José Nunes da Costa, deslocou-se de Campina Grande para Queimadas no sábado, logo cedo, para entregar o documento ao subdelegado. Mantiveram conversa com ele por um tempo e explicaram que estavam ali para uma visita pastoral e que seus princípios cristãos não os permitiam desacatar qualquer que seja antes, pelo contrário, ensinava-os a respeitar a crença de todos e obedecer às leis do país.

O sargento disse para eles o seguinte: "Si a lei mandasse perseguir os protestantes eu os perseguiria, mas como a lei garante, eu também garanto. Sou católico, mas qualquer coisa que houver pode vir aqui me comunicar, que eu garanto" (GARCIA, 1940, p. 10). Agradeceram e se despediram.

Ao atravessarem a rua, perceberam um movimento estranho. Estava acontecendo às Santas Missões realizadas por dois líderes religiosos: frei Cipriano<sup>33</sup> e Padre Óscar. Segundo Nigri, ambos aproveitaram o ensejo para descarregarem sobre eles “toda a sua ira contra os evangélicos. Aos sons de ‘bode, bode!’, ‘abaixo os nova seita’, ‘mée, mée” (1960, p 26).

---

<sup>31</sup> Oscar Cavalcanti era padre da paróquia de Fagundes a qual pertencia à capela de Queimadas.

<sup>32</sup> Os alunos do seminário teológico adventistas bancavam os estudos através da colportagem evangelística que tinha como objetivo vender literatura denominacional.

<sup>33</sup> Frei Cipriano fazia parte das comitivas de Frei de Damião que tinha como objetivo fortalecer a identidade católica através das Santas Missões que percorria todo o Nordeste.

Em seguida, eles foram a Baixa Verde onde moravam os adventistas e existia a casa de oração. No caminho encontraram um altar recém construído com a seguinte inscrição: “Deus nos livre dos Nova ceita” (GARCIA, 1940, p. 10). Nigri (1964) relata outras duas inscrições: “abaixo novas-seitas” e “morram os protestantes”. Ao chegar a Baixa Verde, foram à casa de Severino Venâncio Sobrinho e depois à casa de Luiz Pereira onde ficaram hospedados.

Nesta última, o primo de Luiz, que passava pelo local, disse que ouvira falar que os católicos realmente iriam cumprir a promessa da agressão. Mas o grupo não quis dar ouvidos aos boatos, pois não acreditavam que um sacerdote culto pudesse consentir com a agressão. Segundo Nigri,

O ambiente estava quente, porque desde que os católicos souberam da nossa intenção, começaram a espalhar boatos de que iriam arrasar o prédio onde nos reuníamos, colocar o professor num tonel de azeite fervendo, matar, perseguir, etc. Naturalmente nós não tivemos medo, mas a prova ia ser dura mesmo, como ficou provado no sábado de manhã, quando iniciamos a escola sabatina (1960, p. 26).

### **O ataque concretiza-se**

Na hora de costume, dirigiram-se ao prédio, onde eram realizadas as reuniões, para iniciar a escola sabatina.

Os crentes vinham de todas as partes: alguns eram batizados, e outros interessados. Eram homens, mulheres e crianças que se dirigiam à casa de oração para adorar a Deus em espírito e verdade. O salão regozijava e os crentes estavam cheios de satisfação por se reunirem no santo dia de sábado para adorar a Deus, e por notarem a presença dos pastores que os visitavam (GARCIA, 1940, p. 10).

Nigri estava organizando a Escola Sabatina e enquanto cantavam o primeiro hino da manhã chamado de “Em teu nome começamos esta escola, ó Senhor”, José Pereira avisou que uma multidão estava se aproximando e ouviram gritos e pedradas no telhado. O pastor Garcia falou o seguinte: “deixe que venham. Não fizemos nenhum mal a eles, nem ao Padre Óscar. Sempre temos respeitado a crença de todos. Deus nos guarde” (GARCIA, 1940, p. 10).

Cerca de duzentas a trezentas pessoas, a maioria era de mulheres, se aproximaram armadas de pau, folhas de palmeiras e pedra gritando como furiosos e procurando agredir os que estavam à porta para entrar e acabar com os “Crentes de Baixa Verde, assim havia resolvido a Santas Missões na noite anterior” (NIGRI, 1964a, p. 17).

A multidão cercou o prédio e os cinquenta adultos mais as crianças que estavam na casa de oração ficaram presos. Segundo Nigri,



Já estávamos quase no fim da terceira estrofe do nosso hino quando a turba parou em frente de nosso salão, gritando, cantando também à Virgem Maria, levantando ameaçadoramente seus paus e folhas de palmeiras. Ao mesmo tempo as pedras começaram a ser jogadas no nosso telhado, quebrando as telhas, que caíam em pedaços dentro do salão, ameaçando a vida das crianças e adultos ali dentro. Não sei quantas vezes cantamos o hino "Em Teu nome começamos esta escola, ó Senhor ...," mas sei que seguimos cantando, e cada vez mais forte, até que veio o conselho do pastor Garcia para que parássemos, pois do contrário a turba também não pararia de cantar e gritar (NIGRI, 1964a, p. 17).

Conforme Lira, "Foi uma hora de verdadeiro vandalismo e selvageria. Escárnio, zombaria, atrevimento, palavrões, tudo era comum daquela gentalha" (1962, p. 30). Garcia descreve o ataque da seguinte forma:

A multidão começou a apedrejar a casa de oração, dando vivas ao Padre Óscar, a frei Cipriano e à Igreja Católica. De mistura com gritos vinha toda sorte de nomes e ofensas, como sejam: Bodes! novas seitas! diabos! crentes safados! coisa ruim! e outros termos criados pela credence fanática dos agressores. A impressão que nos deu aquela cena é a mesma que temos da descrição dos profetas de Baal no monte Carmelo, quando foram oferecer sacrifícios, desafiando o Criador. Houve homens e mulheres que gritaram a ponto de ficar roucos; outros, de raiva, rasgaram as roupas, com vontade de nos agredir; outros ainda, choravam de ódio, e alguns desmaiavam de cólera. A agressão durou mais de duas horas. Acredito que os anjos nos guardaram nessa ocasião. Enquanto, fora do edifício, aconselhávamos o povo a acalmar-se, nossos crentes continuavam dentro, rogando ao Senhor que nos protegesse [...] De todos os corações uma oração silenciosa se elevava a Deus pedindo sabedoria para agir naqueles momentos, é proteção para os nossos crentes" (1940, p. 10).

Alguns tentavam forçar a entrada para agredir os que estavam lá dentro, mas nas portas estavam o colportor Severino Pereira e um desconhecido não adventista que não os deixaram entrar. Segundo Lira (1962), o primeiro foi agredido com açoites e varadas tentando proteger a entrada.

Segundo Olson (1940), alguns católicos que eram vizinhos e parentes dos membros adventistas chegaram armados e tentaram reagir, mas foram advertidos a não usar de violência. Nigri (1964a) também escreveu que um adventista, crente novo, ficou exaltado com situação e tentou sair do salão para se vingar, porém foi impedido. "Um interessado que estava com a esposa e quatro filhos ficou irritado e tirou um facão da cintura na intenção de partir para cima dos manifestantes" (NIGRI, 2014, p. 63), mas Nigri o convenceu a não atacar a multidão.

[...] enquanto isto as pedradas continuavam e as telhas a caírem. Tínhamos de desviar-nos para que alguma não nos ferisse a cabeça. Só o Senhor sabe a tensão em que estávamos ali dentro, sem saber o que fazer e sem poder fazer nada, só

esperar ... Conseguiria a turba invadir o salão? Conseguiriam aqueles dois homens na porta conter aquelas primeiras mulheres que forçavam de vez em quando a entrada e batiam nestes dois homens enquanto diziam: "Sai daí, bode velho!" "Volta para a tua igreja, seu nova-seita!" E o irmão Pereira dava de ombros e respondia: "Como vou voltar para a Igreja Católica se eu saí de lá?" O fanatismo era tão grande que aquelas mulheres, velhas e jovens, ajoelhadas na frente do salão, gritando, chorando, clamando pela Virgem Maria e pela nossa morte, rasgavam seus vestidos, deixando ver o peito nu. A tensão dentro e fora era indescritível (NIGRI, 1964a, p. 18).

A situação parecia piorar a cada momento, então enviaram o pastor Moises Nigri à delegacia para comunicar ao subdelegado Luiz o que estava acontecendo, mas ele não se encontrava, tinha ido à Campina Grande. A única pessoa que estava na delegacia era um praça que disse que não poderia oferecer garantia alguma, pois se saísse da delegacia deixaria o restante da cidade desprotegida.

De acordo com Nigri, tudo parecia muito bem armado pelos líderes religiosos católicos e o delegado. “Soubemos depois que o delegado na noite anterior estivera bebendo com os grandes de Queimadas, os curas e frades [líderes religiosos católicos], e ali combinaram o plano dele sair para Campina Grande, então nos perseguirem” (NIGRI, 1964a, p. 18).

Por duas ou três vezes, tentaram conversar com a multidão, mas era quase impossível, “devido à anarquia reinante, pois entre eles mesmos não se entendiam” (GARCIA, 1940, p. 10). Então Pastor Garcia procurou conversar com dois ou três homens que pareciam ser líderes do movimento. O nome de dois deles eram Manoel e João Bezerra.

Após algum tempo de negociação, conseguiram entrar em acordo. Os dois retirariam a multidão e a casa de culto seria fechada naquele dia. Tudo estava indo bem até que alguns da multidão avançaram contra alguns adventistas “que saíam da casa de oração com suas Bíblias e hinários, afim de arrebatá-los para rasgá-los” (GARCIA, 1940, p. 10).

As Bíblias e os hinários foram recolhidos e guardados em um “caixote” na casa de culto. Enquanto isso, a multidão gritava do lado de fora pedindo os livros para rasgar e destruir. Outra vez foram falar com João Bezerra, porque o acordo não estava sendo cumprido. Como não estava sendo possível sair com os livros, João Bezerra se prontificou a levá-los para um lugar seguro e garantiu não entregá-los à multidão.

Foi aberto então um caminho no meio da multidão formando um corredor em frente ao salão e os adventistas teriam que passar por ele para ir ao bar do outro lado da rua para poderem ir à

casa de um membro que morava ali perto. Os Adventistas foram passando aos poucos, desta vez sem nenhuma retaliação. Segundo Nigri,

O último a sair seria eu, que também tinha minha querida Bíblia e um livro de esboços comigo. A Bíblia era a que me acompanhava desde o meu batismo, talvez antes, e o livro de esboços foi um presente do irmão Landon no dia de minha graduação no Curso Teológico. Estava cheio de esboços. Vi todas aquelas Bíblias e Hinários no caixote. Pensei: "Será que vão devolver mesmo? Não irão destruir estas Bíblias e estes Hinários na sua fúria? Eu não posso perder esta minha Bíblia nem este livro de esboços. Aconteça o que acontecer, não me separarei deles. É um desaforo! (1964b, p.22)

Nigri esperou que todos chegassem em segurança na casa de um dos membros que ficava no outro lado da rua para sair com sua Bíblia, hinário e seu caderno de esboço escondidos abaixo do paletó. Ele descreve a agressão sofrida da seguinte forma:

[...] quando estava no meio da rua, uma velha gritou: 'Olha a Bíblia dele!' Antes que eu me apercebesse um grupo delas avançou para mim, agarrando-me para me tirarem a Bíblia. Só tive tempo de colocar meus livros entre as pernas, agachar-me para impedir que me tirassem a Bíblia. Aquelas unhas afiadas e sujas passaram pelo meu rosto, arranhando-me profundamente e quase me arrancaram o paletó e os cabelos! (NIGRI, 1960, p. 26).

Enquanto isso, João Bezerra fechava as portas da casa de oração na frente Garcia e parecia que tudo tinha acabado. Mas ao chegar à frente do prédio

[...] notamos uma multidão de homens e mulheres agredindo o pastor Moises para arrebatarem os livros que tinha nas suas mãos. Alguns o seguravam, outros davam bordoadas e o arranhavam, tirando-lhe sangue do rosto. Afinal aconteceu o que queríamos evitar – a terra foi regada com o sangue generoso do pastor Moises. Si até aquela hora fora possível conservarmo-nos calmos, começamos depois a exigir com energia, mas ainda no temor de Deus, que o povo cessasse a agressão injustificada que estava praticando (GARCIA, 1940, p. 11).

Alguns homens não adventistas, como Severino Alves de Melo, ao verem a agressão a Nigri, foram ao seu socorro. Nigri relata que

[...] ao deixar-me livre, todos puderam ver que o sangue corria do meu rosto, proveniente dos arranhões sofridos. Com sangue, aquela terra de Baixa Verde e da Paraíba do Norte, onde trabalhei por dois anos e oito meses como distrital, haveria de ser regada para que frutificasse a semente do Evangelho, plantada com tanto carinho e sacrifício. [...] Logo após ter sido eu libertado das mãos daquelas mulheres, o pastor Garcia mostrou aos chefes e a todos o que haviam feito comigo. Consternação e temor agora se apoderaram deles e começaram a se desculpar, que não queriam derramar sangue etc. (1964b, p.23).

Conforme Garcia (1940), algumas pessoas que estavam na multidão disseram ter ouvido o padre e o frade dizerem que fossem atacar a casa de oração e que eles se responsabilizariam pelo que acontecesse e este fato foi confirmado por José de Barros que morava em Queimadas. “Ao terminar a agressão, o sr. João Bezerra aconselhou-nos a fugir e esconder-nos, ao que retrucamos: ‘não fizemos mal a ninguém, e homens do nosso feitio não fogem nem se escondem. Só sairemos daqui quando tivermos feito o trabalho que viemos realizar’” (GARCIA, 1940, p. 11).

O pastor Nigri sofreu apenas alguns pequenos arranhões que, mesmo assim, ainda sangrava. Após fazerem curativos, uma nova escola sabatina e o culto foram organizados na casa de Severino Vicente, pois haviam combinado com o chefe da turba que não fariam culto naquele dia na casa de oração e desejavam cumprir a promessa.

Aquela escola sabatina foi uma das mais abençoadas de nossa vida. Tudo nos impressionou. Como não tivéssemos bancos, ficamos de pé, tanto na escola sabatina como no culto que se seguiu a recapitulação foi tomada pelo Irmão Severino Pereira e a lição do dia pelo colportor estudante José Siqueira. Ninguém se sentia triste, todos estávamos contentes e satisfeitos porque Deus nos havia conservado calmo e guardados durante a Bárbara agressão (GARCIA, 1940, p. 11).

Todos receberam as suas Bíblias e hinários, “mas alguns da turba haviam entrado no salão, tirado a mesa da escola sabatina para fora, abriram as gavetas e espalharam todos os papéis e relatórios que estavam dentro. Que tristeza, tanta ignorância e fanatismo!” (NIGRI, 1964b, p. 23). Outros moradores da Vila participaram do culto e disseram que não eram a favor do que tinha acontecido e que estariam prontos para defendê-los.

Falando sobre o resultado do ataque, Garcia escreveu o seguinte: “a casa de culto ficou com o telhado quebrado. Nós, no tumulto, fomos atingidos por três pedras” (1940, p. 11). “Na tarde daquele dramático dia, o pastor Garcia estava à mesa do irmão Luiz Pereira, e virando-se para o pastor Siqueira disse-lhe: ‘Que achou do espetáculo?’ A resposta na hora foi: ‘um barbarismo nunca vi coisa semelhante’” (LIRA, 1962, p.30). De acordo com Nigri, “As ameaças continuaram. As chuvas começaram a cair. Lembro-me daquele domingo sombrio que passámos com os irmãos preocupados, mas não desanimados, nem [ficamos] temerosos”(1960, p. 26).

Os membros de Campina Grande por não se sentirem seguros em pegar o ônibus em Queimadas voltaram por outro caminho. Contudo, no domingo

[...] o motorista do ônibus voltou a Queimada, o padre, acompanhado de uma grande turba, cercou-o, para puni-lo por haver conduzido os adventistas. Mas o homem estava armado de faca e revólver, e disse ao sacerdote que, si êle e seus comparsas tentassem agredi-lo, faria uso de sua arma de fogo, antes que tivessem tempo de atacá-lo. Acrescentou que era católico, mas daquele dia em diante não mais o seria. Finalmente, a polícia, agindo com habilidade, convenceu o padre e seus companheiros a se dispersarem. O motorista do ônibus, ao chegar a casa arrancou da parede todos os santos que tinha e os destruiu. Êle e sua esposa estão agora interessados na verdade (OLSON, 1940, p 12).

Como havia boatos que a agressão se repetiria, os pastores ficaram na Vila até segunda às três horas da madrugada. As Santas Missões haviam terminado, “tudo estava escuro, apenas algumas luzes aqui e ali no Mercado... a cidade dormia depois das bacanais espirituais que tivera e dos barbarismos cometidos contra um pequeno grupo de filhos de Deus” (NIGRI, 1964b, 23).

Ao chegar a Campina Grande, foram falar com o delegado que já sabia do que havia acontecido. Ele garantiu que a agressão não ocorreria novamente, mas não confiaram no delegado e foram falar com o Juiz que afastou o delegado e o subdelegado e falou duramente com o padre e os dirigentes do Grupo escolar, que faziam parte da multidão que atacou a igreja. Depois disso, as ameaças pararam.

### **Considerações finais**

O ataque a Igreja Adventista de Baixa Verde, revela uma luta entre duas identidades religiosas distinta: católica e protestante. Essa luta entre identidades muitas vezes ficava apenas nas representações onde uma identidade representava a outra de forma. Conforme Chartier (2002), tais representações sempre tem um objetivo que é a classificação e delimitação.

Desta forma, tanto os adventistas quanto os católicos delimitavam os seus grupos e, além disso, fazem reconhecer as práticas de uma identidade social exibindo, desta forma, uma maneira própria de estar no mundo. Aqueles que não se encaixam na delimitação são combatidos, pois podem causar instabilidade do próprio grupo. Por isso, os adventistas e os católicos representavam o uns aos outros de forma negativa.

Em vários momentos, são perceptíveis a diferenças entre os católicos e os adventistas nas representações. Os adventistas são representados como aqueles que respeitam as crenças, que são tolerantes e que são corajosos. Quando alguém dessa identidade foge desse padrão é tido como um crente novo ou recém batizado. Os católicos são representados como fanáticos, selvagens, covarde,

etc. Porém, os católicos também representavam os adventistas de forma negativa chamando-os de bodes, novas seitas, crenes safados, etc.

Esse ataque não foi um acontecimento isolado, em várias partes do estado aconteceram fatos semelhantes, conforme Sylvestre (2014). Da mesma forma que em outros ataques, como na cidade de Catolé do Rocha e Patos, ele ocorreu durante as Santas Missões. Elas tinham o objetivo de fortalecer a identidade católica romana, mas terminava gerando um forte espírito antiprotestante sendo o último grande ataque a protestantes na Paraíba ocorrido em Patos, no ano de 1950, onde três igrejas foram atacadas e uma delas queimada.

Logo, é perceptível a ligação entre o ataque da Igreja Adventista de Baixa Verde com o que havia ocorrendo em outras partes do estado dentre os pontos em comum estão: os protestantes serem chamados de bodes e novas seitas, apedrejamento, a busca em destruir as Bíblias protestantes e em agredir ou matar os pastores.

Conforme Vasconcelos (2005), era comum os protestantes serem chamados de bodes e novas seitas como forma de representação negativa. Quanto ao apedrejamento, Sylvestre (2014) cita vários casos em que ele era uma das formas mais comuns de ataques a Igrejas Protestantes feitos tanto por padres quanto por membros da Igreja Católica. A busca em destruir as Bíblias dos adventistas reflete a ideia entre os católicos de que elas eram adulteradas e do demônio e, por isso, precisariam ser destruídas. A agressão ao pastor Nigri não ocorreu apenas por estar com a Bíblia, conforme Sylvestre (2014) durante os ataques a Igrejas Protestantes, os agressores buscavam atacar e matar os pastores.

Intolerâncias religiosas como esta e outras não devem ser aceitas em na nossa sociedade atual. Ninguém deve ser perseguido por causa da sua crença religiosa não importando qual seja. Uma das formas de impedir a intolerância é o estudo de mais casos como esses que trabalhem conflitos religiosos. Tais trabalhos serão úteis para o campo da História das Religiões e Religiosidades por mostrarem os fatores que causam a intolerância e como o pensamento religioso intolerante é construído.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Izaias Barbosa de. Um herói anônimo. **Revista Adventista**. Tatuí, v 91, n 7, p. 36, jul., 1995.

- BÍBLIA, A.T. Daniel. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BORGES, Michelson. **A chegada do adventismo ao Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CAMPINA GRANDE. **Correio da Paraíba**, v. X, n. 290, p. 3, 28 de Jul, 1963.
- CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional. **PistisPrax.**, v.6, n.3, p. 1057-1075, 2014.
- CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. A igreja católica na Paraíba republicana: romanização e “males” a ser combatido. **Revista Paraibana de História**, v. 1, n. 1, p. 8-18, 2º semestre, 2014.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Miraflores: Difel, 2002.
- DIAS, Roberto Barros. **“Deus e a Pátria”**: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Origens**: história e sentido na religião. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Sagrado e Profano**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FALECIMENTOS. **Revista Adventista**. v.105, n.1223, p. 37, 2010.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Igreja e Romanização**: implementação da Diocese da Paraíba (1894/1910). Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- FIQUEIREDO, Francisco Severiano. **Diocese da Parahyba**. Parahyba: A Imprensa, 1906.
- FROOM, LeRoy Edwin. **The prophetic faith of our Fathers**: The historical development of prophetic interpretation. 1. ed. Washington D. C.: Review and Herald, 1954.
- GARCIA, J. G. Pelos seus frutos o Conheceréis. **Revista Adventista**, v. 35, n. 5, p. 10 - 11, 1940.
- GONÇALVES, Carlos Barros. As polêmicas antiprotestantismo nas primeiras décadas do século XX: Cuiabá 1926, 1927. **Fronteiras**, v. 12, n. 21, p. 151-178, 2010.
- GREENLEAF, Floyd. **O crescimento da Igreja Adventista na América do Sul**. 1. ed. Tatuí: casa publicadora brasileira, 2011.
- KNIGHT, George. **Uma igreja mundial**: Breve história dos adventistas do sétimo dia. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- KNIGHT, George. **Adventismo**: Origem e impacto do movimento Milerita. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- LIRA, S. Frutos de Semente Regada com Lágrimas e Sangue. **Revista Adventista**. Santo André, v 57, n 1, p. 30, jan., 1962.
- LIPKE, John. Do campo: missão este-brasileira. **Revista Mensal**, v.6, n.9, p. 10, 1911.

- LOUGHBOROUGH, J. N. **O grande movimento Adventista**. 3. ed. São Paulo: Editora dos Pioneiros, 2014.
- MALATIAN, T. M. A biografia e a história. **Cadernos CEDEM**, Marília-SP, v. 1, n. 1, p. 23-24, 2008.
- MAXWELL, C. Mervyn. **Conte Isso ao Mundo: História do Adventismo**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Frederico Weber Spies**. 2018. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Frederico\\_Weber\\_Spies](http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Frederico_Weber_Spies). Acesso em: 24/10/2018.
- MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Jerônimo Granero Garcia**. 2019. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jer%C3%B4nimo\\_Granero\\_Garcia](http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jer%C3%B4nimo_Granero_Garcia). Acesso em: 04/11/2019.
- MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Guilherme Stein Júnior**. 2020a. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.-com.br/wikiasd/index.php?title=Guilherme\\_Stein\\_Jr](http://www.memoriaadventista.-com.br/wikiasd/index.php?title=Guilherme_Stein_Jr). Acesso em: 06/05/2020.
- MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Jacob Kroeker**. 2020b. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jacob\\_Kroeker](http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jacob_Kroeker). Acesso em: 05/05/2020.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9 - 24, 1994.
- MISTÉRIO JOVEM. **Nossa Herança: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia para o Ministério Jovem**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- MONTEIRO, Felipe Pinto. Messianismo, Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais: Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual. **Revista de Teoria da História**, v. 2, n. 4, p. 84-116, 2010.
- NAGEL, Ruy. Lançando “o teu pão sobre as águas”. **Revista Adventista**. Tatuí, v 92, n 12, p. 36, dez., 1996
- NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. v. 59, n.10, p.16-18, 1964a.
- NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. v. 59, n.11, p.22-24, nov., 1964b.
- NIGRI, M. S. Pelo Norte e Nordeste – IV: Notas de Viagem. **Revista Adventista**. Santo André, v 55, n 4, p. 25 – 26, abril, 1960.
- NIGRI, M. S. **Sem fronteiras: a envolvente história de um homem que marcou época**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v.52, n.18, p. 157-179, 2004.
- OLSON, H. O. Do Nordeste. **Revista Adventista**. Santo André, v 35, n 10, p. 12, out., 1940.



- PAGOTTO, Dom Aldo di Cillo. et al. **Cestesimus Annus**: Revista Especial Comemorativa do centenário da Arquidiocese da Paraíba. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 2014.
- PIEDRA, Arturo. **Evangelización protestante em América Latina**: análisis de las razones que justificaron y promovieron la expansión protestante. Quito: CLAI, 2002. v. 2.
- RODRIGUES, Alcides C. Campina Centenária. Revista Adventista. Santo André, v 60, n 3, p. 15, mar., 1940.
- RITTE, Germano G. O Fim da Jornada: Dr. John Lipke. **Revista Adventista**, v. 38, n. 8, 1943.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira. São Luís: Edufma, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social de Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: vozes, 2008. p. 73-102.
- SIMÕES, Daniel Soares. **O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero**: o Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928- 1944). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- SOUSA JUNIOR, José Pereira. **Estado laico, Igreja romanizada na Paraíba republicana**: relações políticas e religiosas (1890 – 1930). Tese (doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- SOUZA, Valdemir de França. **De volta para o Passado?** Uma análise crítica da reproposição das “Santas Missões populares” no século XXI. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.
- SPIES, F. W. Nota sem título. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v.88, n.51, 1911.
- SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos**: Antes que as marcas se apaguem. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.
- TATAGUASSU. **Datas queimadenses**. 2011. Disponível em: <http://tataguassu.blogspot.com/2011/03/datas-queimadenses.html>. Acesso em: 25/04/2019.
- VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas**: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- WHITE, Ellen G. **A Igreja Remanescente**. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.